

# A PSICOPEDAGOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR: QUANDO, COMO, POR QUÊ?

Cláudia Terra do Nascimento

**RESUMO** - Este artigo pretende trazer algumas reflexões sobre a Psicopedagogia voltada à saúde, especificamente àquela inserida em contextos hospitalares, centrando tal reflexão em uma possível identidade do psicopedagogo hospitalar, considerando tanto a prática em ambulatórios gerais, quanto a especializada – Ambulatório de Psicopedagogia. Procura mostrar a atuação e o papel do psicopedagogo inserido em hospitais, a partir de experiências brasileiras atuais. Para tanto, no primeiro tópico, a autora traz um breve resgate da Psicopedagogia no Brasil. No segundo e terceiro tópicos, acende reflexões acerca da psicopedagogia hospitalar, sua identidade e características de atuação em diferentes contextos, bem como analisa os possíveis papéis do psicopedagogo inserido em tais contextos.

**UNITERMOS:** Psicopedagogia hospitalar. Hospitalização. Aprendizagem. Desenvolvimento infantil.

## PREFÁCIO

“Direi isso com um suspiro, num lugar e num momento perdidos no futuro: dois caminhos bifurcavam no bosque; e eu, bem, eu escolhi o menos percorrido, e isso fez toda a diferença.”  
(Robert Frost)

## INTRODUÇÃO

A hospitalização infanto-juvenil tem sido tema de constante interesse entre profissionais da saúde e da educação, ambos preocupados com os possíveis efeitos da mesma sobre os processos de desenvolvimento e de aprendizagem da

criança e do adolescente. Isso porque o ingresso no hospital pode se tornar uma experiência extremamente complicada e difícil, já que pode ser visto como um lugar gerador de medo, dor e sofrimento<sup>1</sup>.

Mesmo assim, para muitos jovens, principalmente aqueles com diagnóstico de patologias crônicas, o hospital passa a ser, por muito tempo, o seu principal contexto de convívio, de desenvolvimento e de aprendizagem. Este é um ambiente que possui características muito peculiares. Todos que estão inseridos em seu seio ou são profissionais ou são pacientes, que

---

*Cláudia Terra do Nascimento - Especialista e Mestre em Desenvolvimento Humano pela UFSM; atual aluna do Curso de Especialização em Psicopedagogia abordagem institucional e clínica pela UNIFRA. Professora substituta no Departamento de Psicologia da Educação (Centro de Educação) e no Curso de Medicina, na UFSM.*

---

*Correspondência  
Rua 24 de Fevereiro, 370 A - Apto. 104 F  
Santa Maria - RS - Brasil - 97060-580  
Tel: (55) 9103 0511 - Fax: (55) 222-7191  
e-mail: claudia@proativaweb.com.br.*

encontram-se em tratamento por algum problema com a própria saúde.

Estes últimos, alheios a este novo contexto, necessitam de novos conhecimentos, sejam eles a respeito da própria doença, do ambiente hospitalar em si, bem como desse novo 'eu', agora portador de uma patologia. De acordo com Chiapeta<sup>2</sup>, todo o cotidiano da criança muda, sendo substituído pelo tratamento clínico, entrada na enfermaria, confinamento no leito e medicações. Segundo a referida autora, a hospitalização para jovens, física e emocionalmente agredidos pela enfermidade, representa o afastamento do ambiente no qual vinha ocorrendo o desenvolvimento de seu repertório social, afetivo, cognitivo e motor.

Trabalhar com os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança e/ou adolescente, em tratamento no contexto hospitalar, significa tratá-lo diante do impacto que a descoberta da doença traz a sua vida, tendo em vista as inúmeras mudanças que tal fato promove ao seu desenvolvimento. Löhr<sup>3</sup> coloca que, em virtude da presença de uma doença grave, toda a rotina infantil sofre alteração em razão das idas ao hospital, internações, processos terapêuticos dolorosos, que o tratamento pode implicar. Nesse mesmo sentido, principalmente os elementos relacionados ao desenvolvimento e aprendizagem são 'quebrados' pela descoberta da doença e seu posterior tratamento.

Em países como Argentina, Estados Unidos e Canadá, dentre outros, já é de praxe oferecer atendimento psicopedagógico a este tipo de paciente, conjuntamente com o atendimento médico-terapêutico tradicional. Tal fato deve-se à importância já conhecida que o trabalho psicopedagógico pode promover à criança/adolescente hospitalizado. No entanto, não basta que se ofereça um atendimento desconectado do resto do tratamento. O trabalho interdisciplinar, realizado em equipe, aonde atuam juntos médicos, psicólogos, psicopedagogos e enfermeiros, torna-se muito importante. Com um só objetivo, são profissionais que concentram suas forças no sentido de abarcar os processos

multifatoriais de cada doença, pelo fato das mesmas constituírem-se em patologias crônicas, de etiologias e terapêuticas variadas, permitindo um modelo de investigação multidisciplinar, como coloca Kahtalian<sup>4</sup>.

Da necessidade anteriormente relatada, muitos psicopedagogos vêm se inserindo em instituições hospitalares brasileiras, em ambulatórios pediátricos gerais. Inseridos nestes contextos, muitas vezes adversos e conflitantes, como concretiza-se a sua prática? Como acontece o trabalho em equipes de saúde? Qual é o papel do psicopedagogo junto a estas equipes?

Nesse sentido, levando-se em consideração a dificuldade de definição do papel e da identidade do psicopedagogo hospitalar em nosso país, este artigo buscou refletir acerca da Psicopedagogia voltada à saúde, especificamente àquela inserida no contexto e trabalho hospitalares, visando a construção de uma identidade do psicopedagogo hospitalar, considerando tanto a prática Ambulatorial Geral, quanto a especializada (Serviço de Psicopedagogia Hospitalar).

## **1. A PSICOPEDAGOGIA NO BRASIL: UM BREVE RESGATE**

Profissionalmente, a Psicopedagogia se apresenta como um campo extremamente vasto, tornando-se uma tarefa imensa e complexa, uma encruzilhada de incontáveis caminhos. Assumir tal caminho exige compromisso e discernimento, ambos construídos a partir de uma base teórico-prática que deve ser ao mesmo tempo lúcida e sóbria.

No Brasil, o caminho da Psicopedagogia, segundo Bossa<sup>5</sup>, é árduo. O psicopedagogo, profissional pós-graduado, precisa ser um multi-especialista em aprendizagem humana, congregando conhecimentos de diversas áreas, com o objetivo de intervir nesse processo, tanto com o intuito de potencializá-lo, quanto de tratar dificuldades, utilizando instrumentos próprios para este fim.

A Psicopedagogia surgiu, então, das necessidades de atendimento a crianças com 'distúrbios de aprendizagem', consideradas

inaptas dentro do sistema educacional convencional, bem como de explicação ao fracasso escolar. Ao longo de sua jovem história, torna-se a norteadora dos procedimentos necessários ao trabalho com crianças que apresentam barreiras à sua aprendizagem, objetivando o reconhecimento das capacidades pessoais, bem como a exclusão do obstáculo que a impede de aprender.

Dado que seu quadro teórico é vastíssimo, a Psicopedagogia apresenta fundamentação em estudos nas áreas da psicanálise, psicologia social e epistemologia genética, dentre outras. Ainda assim, possui a sua especificidade, tanto quanto área de estudo, como especificidade de seu objeto de estudo, constituindo uma nova área com corpo teórico próprio.

Seu objeto de estudo, segundo Bossa<sup>5</sup>, é o próprio processo de aprendizagem e seu desenvolvimento normal e patológico em contexto (realidades interna e externa), sem deixar de lado os aspectos cognitivos, afetivos e sociais implícitos em tal processo. Esse objeto deve ser entendido a partir de dois enfoques: o *preventivo*, que é o ser humano em desenvolvimento e as alterações desse processo podendo esclarecer sobre as características das diferentes etapas do desenvolvimento; e o enfoque *terapêutico*, que é a identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

Embora seja ainda um campo jovem de atuação no Brasil, a Psicopedagogia parece já possuir sua identidade, como um todo. Como fala-nos Scoz<sup>6</sup>, a identidade do psicopedagogo, muito atrelada à sua atuação, remete-se ora à identidade clínica, ora à institucional, ambas vinculadas ao processo de aprendizagem. Nesse sentido, o psicopedagogo é o profissional ligado historicamente à Educação, segundo Moojen apud Bossa<sup>5</sup>, que trabalha com os fenômenos da aprendizagem humana.

Mas quem é o psicopedagogo hospitalar? Para responder a essa pergunta é preciso entender o que é a psicopedagogia hospitalar e como ocorre a sua praxis. Vamos, então, às

especificidades do contexto hospitalar para melhor compreender estas questões.

## **2. O PSICOPEDAGOGO HOSPITALAR: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE**

Além da clínica, escolas e empresas, a Psicopedagogia pode ser também desenvolvida em hospitais, tanto em serviços psicológicos, psiquiátricos e neurológicos, quanto em serviços hospitalares gerais. A prática psicopedagógica hospitalar já é bastante comum em alguns países, tais como Argentina, Estados Unidos e Canadá. Aqui no Brasil, porém, esta é uma modalidade muito pouco desenvolvida. Tem-se o conhecimento de algumas experiências isoladas, situação bem diferente da nossa vizinha Argentina, onde a psicopedagogia hospitalar data já de longo tempo.

Nesse contexto, tentar traçar uma linha histórica de tal prática fica praticamente impossível. O que se sabe é que a mesma pode concretizar-se duas formas basicamente: a primeira refere-se ao trabalho psicopedagógico em um Ambulatório de Psicopedagogia, inserido no contexto hospital; e segunda refere-se ao trabalho psicopedagógico inserido no hospital geral, ou seja, em outros ambulatórios, quais quer que sejam. Vamos a elas!

Uma modalidade de atuação do psicopedagogo no hospital, então, dá-se através de implementação de um Serviço/Ambulatório de Psicopedagogia. Nesse caso, segundo Silva & Alfonsin<sup>7</sup>, os objetivos do trabalho referem-se à promoção de avaliação e atendimento psicopedagógico a crianças e adolescentes de baixa renda, ao aprofundamento e sistematização das teorias que norteiam a prática psicopedagógica, e, por fim, ao assessoramento dos profissionais das áreas de saúde e educação.

Em Porto Alegre, a sete anos, no Hospital de Clínicas, existe o Serviço Psicopedagógico, junto à Equipe de Psiquiatria da Infância e Adolescência, o qual atende moradores da periferia e da região metropolitana de Porto Alegre, com poucos recursos financeiros, alunos de escolas públicas, em atendimento psiquiátrico e/ou

neurológico no referido hospital. Este é um serviço de Psicopedagogia clínica, que realiza diagnóstico e tratamento psicopedagógico a jovens que possuem algum problema escolar, defasagem idade/série, abandono da escola, dificuldades específicas ou queixa familiar em relação a escola<sup>7</sup>.

Outro caso semelhante ocorre em São Paulo, junto à UNICAMP, no Ambulatório de Distúrbios de Aprendizagem, vinculado ao Departamento de Neurologia. Crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem são encaminhados ao hospital com o objetivo de solucionar seus problemas. Junto a uma equipe composta de neurologistas, psiquiatras, encontra-se o psicopedagogo, que atua no sentido de diagnosticar e, quando necessário, tratar desses problemas<sup>8</sup>.

Também Fenelon<sup>9</sup> relata sua prática de psicopedagoga junto ao Hospital das Clínicas da UFG, em um núcleo de estudo de dificuldades escolares na adolescência. Relata a pesquisadora que a função do psicopedagogo, quando um paciente com queixa de dificuldade de aprendizagem é encaminhado do Ambulatório de Pediatria, é realizar o diagnóstico dessa dificuldade (feita em equipe com pediatra, neurologista, psicólogo, etc), o que se dá em dois momentos, a triagem e o diagnóstico familiar de aprendizagem. Após o diagnóstico, são feitos os encaminhamentos, já que o núcleo ainda não concretizou o tratamento psicopedagógico junto ao hospital.

Observa-se que em todos os exemplos citados, a psicopedagogia inserida em serviço especializado (Ambulatório Psicopedagógico) responde à prática psicopedagógica clínica, já amplamente conhecida. O psicopedagogo, nesse contexto, não deixa de ser um clínico, que realiza diagnósticos e tratamentos, com instrumentos e técnicas usadas na psicopedagogia clínica. A única diferença é que a 'clínica' está dentro de um hospital, e então, jovens sem condições financeiras podem ser atendidos, junto a uma equipe multiprofissional (neurologistas, psicólogos, psiquiatras, pediatras ...).

Mas, e quando o psicopedagogo está inserido em um ambulatório de serviço geral do hospital

(ambulatórios de pediatria, hemato-oncologia, nefrologia, unidades neonatais, etc)? Qual é sua função na equipe? Será que ele trabalha com a aprendizagem e suas eventuais dificuldades da mesma forma que em um serviço específico de atendimento psicopedagógico? Nesses casos, quem responde pelas questões psicomotoras, desenvolvimentistas do paciente, o médico, o psicopedagogo ou ambos?

Em primeiro lugar é preciso entender o hospital geral, as suas características e as peculiaridades dos pacientes lá atendidos, para depois conseguir 'ver' o psicopedagogo e suas atribuições nesse contexto. Então, quem são os pacientes, quando o ambulatório não é o psicopedagógico? Quem é essa instituição, o hospital? Como o psicopedagogo encontra seus pacientes diante da hospitalização? Vamos às questões...

De maneira geral, a hospitalização por patologias agudas e crônicas na infância e adolescência acontece de forma rápida e imprevisível, não havendo tempo para que o sujeito se prepare para a mesma. Miranda & Alves<sup>10</sup> colocam que a maioria das patologias, crônicas ou agudas, fica como um trauma na vida de crianças e adolescentes, sendo que quanto mais jovem, pior são as seqüelas. Dizem as autoras: "uma pessoa que em um momento está em perfeito funcionamento físico e mental, se vê repentinamente enfrentando a hospitalização, a dor e o comprometimento de suas funções vitais" (p. 37).

Se o jovem foi acometido por uma patologia aguda, possivelmente seu tratamento será mais brando e rápido, já que a cura existe. Mas se a patologia for crônica, seu início é geralmente insidioso, com duração longa e indefinida, perdurando por tempo indeterminado, às vezes por toda a vida, apresentando características que impõem limitações às capacidades funcionais do indivíduo. Mesmo os tratamentos para patologias que não exigem internações hospitalares prolongadas, fazem do convívio com o hospital uma constante na vida de milhares de jovens brasileiros<sup>11,12</sup>.

Nesse sentido, a criança e o adolescente acometido por uma doença precisam dedicar algum tempo de sua vida ao hospital, que passa a ser seu mais novo contexto de desenvolvimento e, porque não, de aprendizagem. Para os internados, este tempo é significativamente maior. Segundo Miranda & Alves<sup>10</sup>, o hospital é vivido como um desconhecido, o que gera insegurança e estresse, “podendo ocasionar-lhe traumas, às vezes profundos, dependendo da intensidade e da estrutura de sua personalidade” (p. 36). Outras ansiedades, tais como a impotência, a dependência, a mudança da imagem corporal (dependendo da doença) e o medo da morte, compõem as dificuldades da criança e do adolescente hospitalizado. Assim, para o jovem hospitalizado, o afastamento da família, dos amigos e de seu habitat (casa, escola, etc) pode causar-lhe profundas reações, tanto a nível cognitivo quanto psicossocial.

Assim, encontram-se os pacientes que chegam ao psicopedagogo que trabalha em serviços gerais do hospital: assustados, inseguros, agressivos, com medo de morrer ou de ficar com limitações. A separação da família e dos amigos, bem como dos ambientes de convívio, também auxilia no surgimento da ansiedade e do estresse, muitas vezes, sendo a geradora da chamada ‘síndrome do hospitalismo’<sup>1</sup>.

Nesse tipo de serviço hospitalar, o psicopedagogo, segundo Souza<sup>13</sup>, é o profissional responsável pela classe hospitalar, principalmente para aqueles pacientes que vão ficar muito tempo afastados da escola (internados). O psicopedagogo deve, então, entrar em contato com a escola, fomentando o vínculo escola-hospital, auxiliando o paciente no seu processo de aprendizagem escolar, inclusive depois da alta, realizando o trabalho de inclusão escolar de crianças pós-hospitalizadas.

A autora anteriormente mencionada também coloca que, quando inserido em Ambulatórios de Pediatria, o psicopedagogo deve se ocupar do desenvolvimento infantil como um todo, verificar o que as doenças interferem no fazer escolar, verificar como os problemas de saúde levam a

dificuldades na aprendizagem, verificar as causas específicas que determinam uma dificuldade ou um distúrbio de aprendizagem. Segundo ela, outra grande colaboração da psicopedagogia em saúde é fomentar no paciente a adesão ao tratamento clínico. Afirma Souza<sup>13</sup>: “Vejo a adesão a um tratamento como aprendizagem, um compromisso pessoal para o restabelecimento da própria saúde, que é o desenvolvimento de sua autonomia pelo auto-conhecimento e emancipação de sua identidade” (p. 37).

Já Guimarães<sup>14</sup> coloca que o psicopedagogo deve voltar sua atenção ao contexto psicossocial de seus pacientes, ao tipo de influência que essas condições possam exercer sobre o desenvolvimento como um todo dos mesmos e o tipo de procedimento psicopedagógico mais adequado para se obter o controle das variáveis circunstanciais. O psicopedagogo deve, então, auxiliar o paciente a se acomodar à nova situação, oportunizando-lhe a expressão de seus sentimentos (raiva, medo...), oferecendo esclarecimentos e apoio.

A forma mais habitual de interação psicopedagógica no hospital dá-se através do brincar. O brincar é por si mesmo uma terapia, segundo Miranda & Alves<sup>10</sup>, psicopedagogas que atuam junto à Unidade de Queimados da Unidade de Emergência do Hospital das Clínicas da USP, em Ribeirão Preto. Para elas, ao brincar a criança vence realidades dolorosas e domina seus medos, projetando-os para fora, nos brinquedos, via simbolização, além de amenizar a frieza com o qual o hospital e o tratamento físico se apresentam. “Fica evidente a necessidade de instituir-se nestes ambientes programas de recreação e apoio emocional que auxiliem o paciente na superação de sua angústia e depressão, de modo a otimizar a resposta ao tratamento” (p. 37)<sup>10</sup>.

Também Ferraz<sup>12</sup> tece algumas considerações a respeito do papel do psicopedagogo no hospital geral. Dizem eles que educar o paciente ao convívio com a sua nova realidade, muitas vezes limitante às atividades da vida diária, responde a um trabalho de cunho psicopedagógico. Para o sucesso da educação dos pacientes, colocam que é imprescindível considerar os aspectos

motivacionais para o autocuidado, a participação da família e o estabelecimento de vínculos com a equipe multiprofissional. Ao psicopedagogo caberia, então, “desenvolver um programa de atendimento integrado à saúde dos pacientes e familiares, que vise assegurar que os indivíduos tenham condições de adquirir conhecimentos e aptidões, via educação, que lhes permitam e os habilitem a exercer o autocuidado com sua doença crônica” (p. 171)<sup>12</sup>.

Torrano-Masetti<sup>15</sup>, que trabalha em uma equipe multiprofissional junto à Unidade de Transplante de Medula Óssea, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, afirma que o psicopedagogo é o profissional responsável pelo conjunto de estratégias para a abordagem do paciente e de seus familiares, tais como o esclarecimento e orientação da patologia e tratamento, intervenções psicossociais aos internados e à equipe, participação em grupos de apoio, atividades ocupacionais, produção de material educativo, discussão dos casos clínicos com a equipe.

Já Muñiz<sup>16</sup>, uma psicopedagoga argentina que atua junto ao Serviço de Pediatria Geral no Hospital de Pediatria Juan P. Garrahan, diz que a parceria pediatria – psicopedagogia no hospital permite a abordagem integral das problemáticas desenvolvimentistas próprias da fase escolar. Diz ela que o pediatra controla o desenvolvimento de forma longitudinal, enquanto o psicopedagogo faz um corte transversal nesse desenvolvimento, oferecendo um panorama atual dos níveis e qualidade alcançados nesse desenvolvimento.

Uma atuação conjunta do pediatra, o psicopedagogo e outros especialistas, na assistência ambulatorial pediátrica, reduz riscos e multiplica a atenção sobre sinais no desenvolvimento que podem ameaçar a evolução posterior. Trocas nas rotinas de higiene, alimentação, estimulação e uma precoce intervenção orientadora do vínculo mãe-filho pode prevenir dificuldades futuras, constituindo-se em ações preventivas do desenvolvimento cognitivo infantil (p.31)<sup>16</sup>.

De maneira geral, então, observam-se inúmeras funções atribuídas ao psicopedagogo

hospitalar, as quais parecem depender muito da serviço aonde estão inseridos. As atribuições mais citadas correspondem a dois serviços amplamente diferenciados: o serviço especializado em psicopedagogia e os serviços hospitalares gerais<sup>9-12</sup>. No primeiro caso, a prática psicopedagógica parece com a clínica, onde as principais atribuições do profissional respondem ao diagnóstico e tratamento ou encaminhamento, quando necessário. No segundo caso, a prática psicopedagógica responde ora a clínica, ora a institucional e ora a pesquisa.

Poderá ser clínica quando objetiva verificar o que e como os problemas de saúde levam a dificuldades na aprendizagem; quando auxilia o paciente a se acomodar a nova situação, oportunizando-lhe a expressão de seus sentimentos e oferecendo-lhe apoio; quando realiza intervenções psicossociais aos internados e à equipe, via participação em grupos de apoio.

Poderá ser pesquisa quando busca quais são as causas específicas que determinam uma dificuldade ou um distúrbio de aprendizagem, bem como a produção de material educativo. E institucional quando se ocupa das questões inerentes ao contexto hospitalar que não sejam dificuldades de aprendizagem propriamente ditas, tais como a classe hospitalar; o trabalho de inclusão escolar de crianças pós-hospitalizadas; a observação do desenvolvimento infantil como um todo; o fomento no paciente à adesão ao tratamento clínico; a participação em programas de atendimento integral à saúde, visando assegurar a aquisição de conhecimentos e aptidões, via educação (esclarecimento e orientação da patologia e tratamento), para o exercício do autocuidado; atividades ocupacionais; a discussão dos casos clínicos com a equipe.

### **3. PSICOPEDAGOGIA HOSPITALAR: UMA IDENTIDADE ‘DE’ E ‘PARA’ O FUTURO**

A partir dos achados na literatura, pode-se observar que a Psicopedagogia hospitalar está começando a ser reconhecida, enquanto parte da

atuação profissional do psicopedagogo. Apesar de ainda estar 'engatinhando' no Brasil, tanto a prática em serviço especializado quanto aquela exercida em serviços gerais começam a ser reconhecidas por muitos profissionais da saúde, dentre eles principalmente os pediatras e neurologistas.

Nesse sentido, parece que a intervenção psicopedagógica em serviços gerais do hospital adquire uma característica peculiar, requerendo uma postura clínica diferenciada daquela que se costuma praticar em um Ambulatório de Psicopedagogia. No consultório, normalmente, se trata com um cliente saudável do ponto de vista físico, necessitado de um suporte em uma dificuldade que surgiu no decorrer de um determinado tempo. O paciente hospitalizado (internado ou não) precisa de um apoio diferenciado, referindo mais a um suporte afetivo e cognitivo a respeito de sua doença e tratamento, bem como ao seu desenvolvimento como um todo, durante todo o seu curso no hospital.

No entanto, se por um lado o psicopedagogo localizado em serviço especializado possui a sua prática profissional razoavelmente definida, parece não existir um consenso a respeito das atribuições do psicopedagogo localizado em serviços hospitalares gerais. Algumas práticas, no entanto, evidenciam-se comuns entre aqueles que trabalham em ambulatórios gerais.

A Psicopedagogia se integra na saúde, nas equipes multiprofissionais, então, não somente em serviços especializados, mas também em serviços gerais. É preciso que se pense na atuação psicopedagógica que põe o sujeito responsável pela sua saúde e pela sua doença em uma dimensão de conhecimento e de aprendizagem, enquanto agente de sua recuperação. Olhar o trabalho psicopedagógico na saúde é poder vê-lo nos ambulatórios, nos hospitais gerais, nos postos de saúde, enquanto parte das equipes de saúde que buscam a atenção integral à criança hospitalizada.

O psicopedagogo hospitalar é aquele profissional que, com conhecimento na área da aprendizagem e da saúde, atua em todo o proces-

so de hospitalização, instrumentalizando o paciente a aprender sobre si mesmo, sobre como ajudar-se em sua cura, como e porque aceitar e fazer uso das medicações, bem como atua com o desenvolvimento integral desse paciente e com a manutenção de sua aprendizagem que possibilitará sua reinserção na vida escolar, após o seu processo de alta. Seu papel é também o de locutor nas relações interpessoais da escuta à criança e à sua família, bem como aos profissionais da equipe, através de uma atuação que favoreça o atendimento em uma visão integrada biopsicossocial em saúde.

Para que essa identidade se perpetue, é preciso que também o seu papel e a sua atuação se tornem mais bem compreendidas, tanto no meio científico, quanto no social. Pode-se dizer, então, que a identidade do psicopedagogo hospitalar será uma realidade:

- ✓ *Quando* estiver concretizada a partir das necessidades humanizadoras, sentidas por aqueles acometidos por patologias graves, hospitalizados por longos períodos de tempo, necessitando de alguém que auxilie na continuidade de seus processos de desenvolvimento e aprendizagem;
- ✓ *Porque* nascerá das exigências científicas, bem como das demandas sociais;
- ✓ A partir de uma sólida formação teórico-prática em contextos hospitalares (*Como*).

Pode-se afirmar, assim, que tal identidade é *De Futuro* porque é um trabalho de humanização hospitalar imprescindível, ao mesmo tempo que é *Para o Futuro*, porque, seu arcabouço teórico sólido, potencializador de força na classe profissional, já está, hoje, sendo construído, nas conquistas do nosso dia-a-dia. Para finalizar, é preciso que se saliente que a simples presença do psicopedagogo nas equipes de saúde já é um ganho, constituindo-se no primeiro passo para que um atendimento realmente interdisciplinar se efetive, concretizando a possibilidade do paciente obter um profissional que se responsabilize por seus processos desenvolvimentistas e de aprendizagem, através de momentos mais humanos e menos traumatizantes, enquanto estiver hospitalizado.

### SUMMARY

#### The Psychopedagogy in the Hospitable Context: When, How, Why?

This article intends to bring some reflections on Psychopedagogy geared to the health, specifically to that inserted in hospitable contexts, centering such reflection in a possible identity of counselor of learning (psicopedagogo) hospitable, considering so much the practice in general ambulatories, regarding specialized's – Psychopedagogic Outpatient Clinic. Search show the performance and the role of counselor of learning (psicopedagogo) inserted in hospitals, starting from current Brazilian experiences. For so much, in the first topic, the author brings a brief ransom from Psychopedagogy in Brazil. In the second and third topics, it lights reflections concerning psychopedagogy hospitable, your identity and characteristics of performance in different contexts, as well as it analyzes the possible roles of counselor of learning (psicopedagogo) inserted in such contexts.

**KEY WORDS:** Psychopedagogy hospitable. Hospitalization. Learning. Child development.

### REFERÊNCIAS

1. Leitão MS. O Psicólogo e o hospital. PE: Sagra – DC Luzzatto Editores; 1990.
2. Chiapeta SMS V. Contribuição da educação física para a formação do autoconceito da criança. [Dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho; 1988.
3. Löhr SS. Crianças portadoras de câncer. In: Silveiras EFM(org). Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil. São Paulo: Papirus; 2000. Vol 1.
4. Kahtalian A. Obesidade: um desafio. In: Mello Filho J. Psicossomática hoje. Porto Alegre: Artmed; 1992.
5. Bossa NA. A Psicopedagogia no Brasil contribuições a partir da prática. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2000.
6. Scoz B JL. Psicopedagogia o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas; 1990.
7. Silva VM, Alfonsin VM. Atendimento psicopedagógico clínico no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. In: Scoz B. Anais do V Congresso Brasileiro de Psicopedagogia. São Paulo: p. 234-8, 2000.
8. Passeri SMRR, Oliveira GC. Psicopedagogia no ambiente hospitalar. Rev Psicopedagogia 2001; 19: 51-6.
9. Fenelon GM. Transtornos de aprendizagem em adolescentes em instituição hospitalar – diagnóstico psicopedagógico com famílias. Rev Psicopedagogia; 1999; 18: 30-1.
10. Miranda CC, Alves CX. Intervenção psicopedagógica à criança queimada: uma experiência hospitalar. Rev Psicopedagogia 1998; 17: 36-45.
11. Barros FC, Victoria CG. Epidemiologia da saúde infantil. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC – UNICEF; 1998.
12. Ferraz AEP. Atendimento multiprofissional ao paciente com diabetes mellitus no ambulatório de Diabetes do HCFMRP-USP. Ribeirão Preto: Rev Medicina 2000; 33: 175-80.
13. Souza SMC. Psicopedagogia e pediatria.



- Rev Psicopedagogia 2001; 19: 36-8.
14. Guimarães SS. A hospitalização na infância. Rev Psicologia: Teoria e Pesquisa 1988; 4: 102-12.
  15. Torrano-Masetti LM. Atendimento psicopedagógico numa Unidade de Transplante de Medula Óssea. Ribeirão Preto: Rev Medicina, 2000; 33: 161-9.
  16. Muñiz AMR. Pediatria e psicopedagogia – parceria na avaliação do desenvolvimento da criança. Rev Psicopedagogia 2001; 19: 30-2.